

---

# *Fernando Coelho*

instituto de arte contemporânea

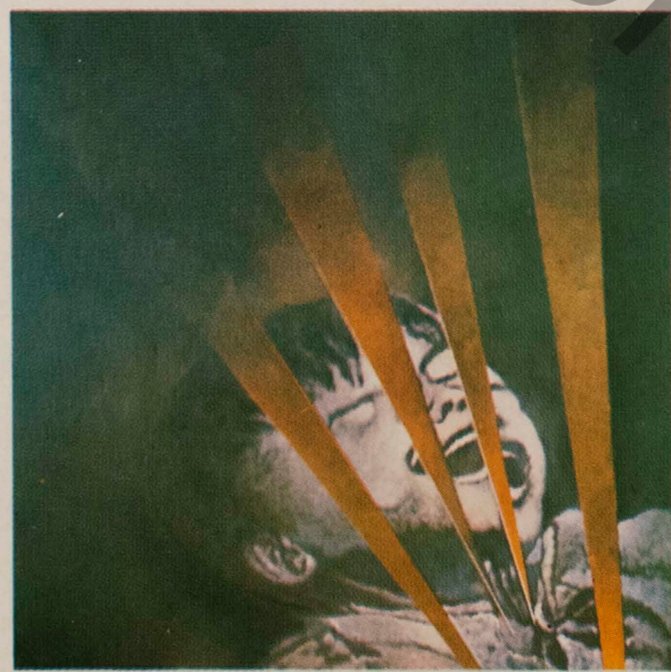


---

# A Galeria

rua haddock lobo 1111 - são paulo  
tels. (011) 282.1942 282.5131 80.6434

exposição de 9 a 31 outubro 75



# A Galeria

rua haddock lobo 1111 - são paulo

tels. (011) 282.1942 282.5131 80.6434

exposição de 9 a 31 outubro 75



ARQUEÓLOGO/ARQUITETO DA TERNURA. DO MISTICISMO E DA VIOLÊNCIA TAMBÉM.

Todo publicitário que não tiver autocritica severa e constante corre o risco — se quiser ser pintor sério — de ser apenas um ilustrador a mais.

Fernando Coelho (que ainda não conheço pessoalmente; apenas sua obra) parece ter consciência disso.

Portanto, faz parte do (reduzido) grupo de ex-publicitários brasileiros que optaram pela lucidez diante do mundo. Aqui e agora, eu me lembro de dois nomes: Newton Rezende e Sepp Baendereck. O caminho de Fernando Coelho pela pintura é muito pessoal embora às vezes e rapidamente ele tenha certas afinidades de imagens e cores com Chagall e Picasso.

Isso, claro, é normal e muito saudável, principalmente quando o artista influenciável (Picasso, ele próprio sempre defendeu a influência consciente ou inconsciente e até mesmo a copia com criatividade) escolhe mestres irrefutáveis.

No princípio, Fernando Coelho colocava seus personagens em fendas e até hoje não sei se ele assim os protegia ou defendia. O resultado era forte, intrigante, belo.

Depois vieram personagens soltos no espaço emergindo de indefiníveis nuvens/névoas e mergulhados, quase sempre, em azuis. Havia, aí, um elogiável domínio da cor e os personagens se transformavam em monstros e bruxos que tinham alguma familiaridade com a pintura flamenga.

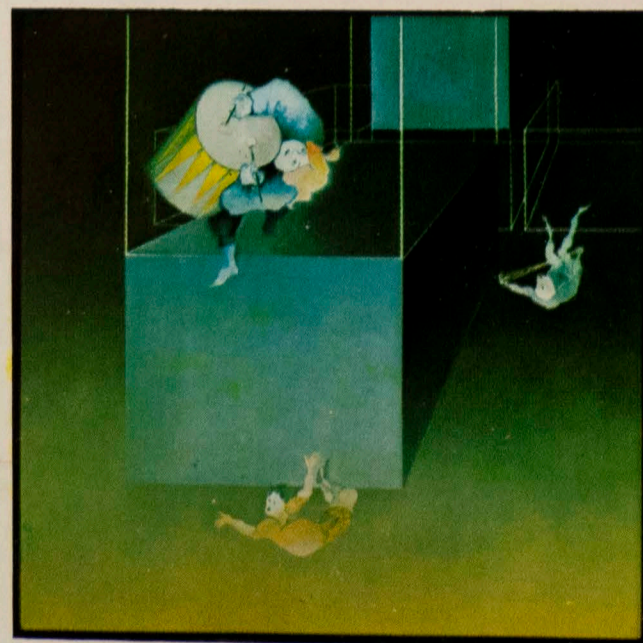
Agora, nesta sua exposição paulista (1975) Fernando Coelho explode e aponta, para si mesmo, os muitos caminhos que sua obra pode tomar.

Como um arqueólogo, arquiteto e até mesmo jornalista, ele vê o mundo contemporâneo; participa do acordo nuclear, disseca e pinta o Homem perdido entre a violência e a ternura. Entre o gesto que salva e o que destrói.

Cineasta e poeta também, este Fernando Coelho propõe um desfile onde a ternura de figuras circenses estão no mesmo "filme" do órfão asiático (vietnamita? cambodjeano?) e do feto morto-vivo na proveta.

Para a criança obrigada a amadurecer antes do tempo (culpa cruel e sem censura da televisão) Fernando Coelho cria um belíssimo caleidoscópio onde a pureza perdida esbarra em gestos justapostos refletidos, não-interligados. O sonho acabou; o momento é de dor, angústia, solidão.

Fernando Coelho capta tudo isso e até para denunciar a violência utiliza a poesia de cores muito bem usadas/dosadas, sem nenhum desperdício, sem nenhum exagero. Dominando a técnica de pintor o que ainda usando o azul no centro de formas



muito bem definidas e muito bem desenhadas, ele cria ritmo, volume, massa, formas e cores que me parecem muito sinceras e espontâneas. Nada demagógicas, porque a arte e, particularmente a pintura, traem, se for o caso, as mais sutis intenções de quem manipula o pincel. Este Fernando Coelho é um incrível arqueólogo e arquiteto da violência e do misticismo. Da ternura também.

**Olney Krüse**

(Membro da ABCA - Associação Brasileira de Críticos de Artes e do Conselho da Bienal de S. Paulo)

## O RETRATO DO ARTISTA

Vocês lembram daquele diálogo de Hiroshima, mon amour?

— Eu vi, eu vi as crianças, os velhos de Hiroshima...

— Você não viu nada em Hiroshima...

— Eu vi, eu vi as crianças...

O pintor Fernando Coelho não quer esquecer, mas abrir as portas e deixar que o vento varra as idéias, os interesses, as doçuras mornas dos ambientes gordos. A sua exposição atual é uma real mostra do mundo íntimo e sensível do artista e esse mundo se expressa com figuras e símbolos diferenciados das de suas mostras anteriores.

Perguntaríamos, talvez, se nas exposições anteriores o artista não mostrava o seu mundo íntimo e sensível?

O caminho de um artista é o humano, das dúvidas, incertezas e suor, aliados com a vontade de ser poeta, amar o sol, ser simples e recuperar a perdida ligação com a terra, as pessoas, o céu e o carinho.

Fernando Coelho era íntimo e sensível. Na sua pintura havia uma cor esmaecida e pequenas cenas. Mas o homem é irredutível e uma caixa que, repentinamente, abre-se, revelando a dor e a alegria de estar vivo e saber. E o artista Fernando Coelho soube que o seu retrato era multifacetado, um espelho brincalhão que continha pássaros e dragões. E que com a doçura morna das flores em ramalhetes convivia a agressão ao povo. E verificou que ele, apesar de comensal, também estava agredido.

Dessa maneira o pintor Fernando Coelho deu um passo na sua pintura e na compreensão de sua condição humana. E nesse passo abriram-se as comportas de seu inconsciente, das caixas onde habitava, e brotaram, na grande tradição de Hyeronimus Bosh e Goya, os conteúdos humanos vestidos de dragões, pássaros fantásticos, gente de circo, crianças laceradas e, é claro, o retrato do artista.

**Jacob Klintowitz**



instituto de arte

# *A Galeria*

*rua haddock lobo 1111 - são paulo*  
*tels. (011) 282.1942 282.5131 80.6434*

*aberta diariamente das 10 às 23 hs*

---

*financiamento*

*BCN - banco de credito nacional*

